

ADOLESCÊNCIA E SAÚDE: CORPO, COMUNICAÇÃO E *MEDIA*

Leônia Cavalcante Teixeira^{1,2} / Natália Ramos²

¹Universidade de Fortaleza, ²Universidade Aberta

A adolescência na actualidade constitui tema de relevância interdisciplinar e intercultural, visto que os conflitos que se encenam nesse processo dizem respeito às exigências da constituição subjetiva de elaboração dos lutos relativos à infância, incluindo os lutos parciais obrigatórios pelos pais e pelo corpo infantil, bem como a constituição do laço social.

Observamos que o corpo constitui o cenário no qual tais dramas existenciais se encenam, estando, cada vez mais, o processo do adolecer em meninas ligado a quadros psicopatológicos de transtornos na oralidade e da imagem corporal, sendo figurado a partir de práticas que se situam no campo do risco, tais quais as experiências, comuns aos quadros psicopatológicos dos transtornos da oralidade – anorexia, bulimia, comer compulsivo – atestam. Tais experiências de risco são exemplificadas por atos como seguir dietas que reduzam a “massa corporal a zero”; aparecendo, muito constantemente, vinculadas à culpabilidade, ao masoquismo e ao narcisismo, remetendo a momentos precoces da constituição subjetiva.

Fleming (2005, p. 120) escreve que “o processo adolescente é desde logo definido por Freud num duplo registro, um refletindo o outro em que ocorre: no registro da realidade externa, contemporâneo e contextual, expresso na forma de um conflito de gerações e no registro da realidade interna, no abandono das ligações aos primeiros objetos de amor é investimento em novos objetos heterossexuais extrafamiliares”. A autora se reporta às ratificações de tal concepção freudiana citando as pesquisas de Cordeiro (1979) e Dias e Valente (1984) quando ressaltam os trabalhos de luto que têm que ser realizados pelo adolescente: “luto pela fonte de segurança, luto renovado do objeto edipiano, luto pelo Ideal do Eu, luto pela bissexualidade e luto pelo grupo” (Dias & Valente, 1984, Apud Fleming, 2005, p. 121). Jeammet e Corcos (2005), Jerusalinsky (1999) e Rosa (2002) também destacam o valor do *entre* na abordagem da adolescência, seja na passagem das imagos ligadas à infância para a adolescência, seja na passagem do núcleo familiar para o laço social, seja pelo lugar ou pelo não-lugar entre passado e futuro em que a adolescência aspira se localizar. Como uma das marcas do *adolecere* (Fleming, 2005) constitui a “saída de casa” (Fleming, 2005; Jerusalinsky, 1999; Le Breton, 2003, 2007; Lesourd, 2004; Outeiral, 1994; Rosa, 2002) e os conseqüentes

conflitos vivenciados tanto pelos adolescentes como pelas famílias, sujeitos adolescentes aparecem como figuras que põem em cena, isto é, que denunciam organizações familiares que calam quanto às marcas psíquicas derivadas de transmissões geracionais que eclodem em constituições psíquicas singulares. Tais heranças geracionais inconscientes impõem aos sujeitos adolescentes a construção de estratégias de vida psíquica que ora se encaminham em direção ao assumir posições subjetivas diversas das infantis, ora podem desencadear desorganizações subjetivas que se apóiam nos campos da violência, da depressão, do suicídio, da toxicod dependência e das práticas de automutilação corporal (Coutinho e Ramos, 2008; Fleming, 2003, 2005; Outeiral, 1994; Pontalis, 2005; Rosa, 2002; Teixeira, 2001, 2003; Weinberg, 2001).

O adolescer instaura desafios ao sujeito em sofrimento quanto às vivências do seu corpo, às relações com seus pares e com as vivências da temporalidade e da espacialidade. Cadoret (2003, p. 208) escreve que “as cenas de sofrimento do exílio da infância” podem se apresentar de modo impressionante frente ao trabalho de se constituir em um corpo sexualizado, que se dá antes do trabalho de se apropriar do laço social, passagem denominada pela autora de “infância exilada” (p. 208).

A experiência corporal constitui um dos aspectos mais prementes que se colocam em cena na contemporaneidade, especialmente no momento da passagem adolescente, que não se resume ao momento da adolescência como fase do desenvolvimento, mas abrange operações psíquicas de abandono das posições infantis e de conquista de posições adultas, que têm no laço social seus suportes.

Objectivamos investigar os fenômenos que envolvem a constituição da corporeidade e sua representação, como operador teórico-clínico da passagem adolescente, a partir da análise das repercussões dos *media*, privilegiando as representações da figura feminina perpassadas em capas de revistas brasileiras de circulação nacional. Foram analisadas, através do método qualitativo da análise de conteúdo, capas de revista de dois periódicos semanais brasileiros de 2008 e 2009, sendo destacadas as seguintes categorias de análise: imagem gráfica da capa, manchete principal e manchetes secundárias, temas diretamente relativos ao corpo, à beleza, à forma física e à moda. Ressaltamos que as temáticas mais relevantes em relação ao objetivo desta investigação se referiram à aparência física e aos métodos de manutenção da forma física, explicitamente do corpo magro como ideal estético e de saúde. As representações do corpo coincidem com os padrões hegemônicos

divulgados pelos meios de comunicação social, sendo constante à associação beleza e saúde e, não menos frequente, beleza (aparência, magreza, corpo longilíneo), saúde (qualidade de vida, estilo de vida, prevenção de patologias) e poder (consumo, status).

Como referências teóricas, elegemos as interfaces entre os saberes antropológicos, psicossociológicos, comunicacionais e artísticos, privilegiando a perspectiva metodológica interdisciplinar, tendo como eixo norteador a subjectividade. Muitas adolescentes, atraídas pelos valores que os media atribuem à imagem magra em nossa sociedade, se vêem sempre às voltas com dietas, exercícios e espelhos. Buscam identidade e querem reconhecer-se através de uma imagem colocada como poderosa. A ideologia magra parece soar mais forte e não é suficiente ser saudável, o que denuncia o imperativo da imagem, do corpo em sua exterioridade e da performance. Almeida et al (2005, p. 32), ao analisar a percepção de tamanho e forma corporal em mulheres, relatam que as mulheres tendem a ter preferência por silhuetas não obesas, concluindo que isto sugere uma diferença entre o que é considerado sinônimo de normalidade para os homens e para as mulheres. Para as mulheres, a exigência de corpos magros, como sinônimo de normalidade, parece ser maior: o poder da beleza, junto à instituição do padrão estético que a exalta têm sido fonte de angústias e insatisfações com seus corpos, ou seja, consigo, já que, na atualidade, a experiência corporal parece constituir a vivência subjetiva.

Baudrillard (1995) afirma que à medida que a mulher conquista sua liberdade, confunde-se cada vez mais com o próprio corpo. De acordo com Ogden e Evans (1996), as regras das sociedades ocidentais representam um modo de ser que perpetua a associação do corpo magro da mulher a atributos positivos.

Severiano (2001, p. 23) analisa os ideais de consumo na contemporaneidade em relação à mídia publicitária, enfatizando que “as subjetividades contemporâneas são particularmente permeáveis aos ideais vinculados pela publicidade, constituindo-se em fonte privilegiada de identidade”.

De acordo com Sarlo (1997): “Somos livres. Cada vez seremos mais livres para projetar nossos corpos. A cultura sonha, somos sonhados por ícones da cultura. Somos livremente sonhados pelas capas de revistas, os cartazes, a publicidade, a moda: cada um de nós encontra um fio que promete conduzir a algo profundamente pessoal, nessa trama tecida com desejos absolutamente comuns” (p. 25).

O culto ao corpo magro constitui traço da sociedade ocidental contemporânea. O que se pode notar visitando academias, “spas” e salões de beleza, onde prospera uma indústria que parece ter lucros crescentes hoje em dia. Nessa tendência à hipertrofia do indivíduo, a beleza física é exaltada independente dos valores morais.

Reconhecemos que a imagem magra deve muito de sua disseminação aos media. Os meios de comunicação, com seu imenso poder de dar visibilidade a fenômenos e atribuir-lhes significados persuasivos, funcionam como formadores de opinião. Numa sociedade onde o contato com o outro é cada vez mais superficial e as instituições tradicionais formadoras de opinião, como a família, a religião e a escola, estão em decadência, o poder de sedução da comunicação de massa é potencializado. A influência da publicidade faz com as pessoas vejam seu corpo como mais um objeto dentre os objetos vendáveis e adquiríveis. A imagem magra se transforma em condição necessária para adquirir outros objetos cheios de atrativos e penetrar mundos desejáveis, como o da moda e, assim, o corpo pode ser, literalmente, consumido.

A comunicação de massa é grande detentora de poder simbólico e seria impossível qualquer abordagem sobre o imaginário popular urbano que não passasse por ela. Para Santaella (1999) “o mundo está virando imagem”: vivemos na *civilização da imagem* e é incisivo ao afirmar que chegamos a confundir experiências onde somos atores e onde somos espectadores (Calvino, 1990).

Os media tem muita importância na instituição de uma imagem corporal magra dotada de valor na sociedade atual. Essa proliferação de imagens de mulheres magras na mídia, geralmente associadas à riqueza e ao poder é a gênese de sua inserção no imaginário feminino. Entendendo imaginário aqui como sendo a base social dos processos mentais e o mais importante elemento externo qualitativo da personalidade do indivíduo (Lapierre, 1995).

Acreditamos que a prevenção dos quadros de transtornos da imagem corporal e do esquema corporal possam se dar na vida cotidiana dos adolescentes a partir de estratégias de participação nas instituições familiares e escolares que possibilitem representações de suas experiências corporais, familiares e sociais, incluindo a construção de ideais – traço importante na passagem adolescente – e o descentramento de imagens sociais padronizadas pelos media como hegemônicas e inquestionáveis. Incentivamos a construção de “espaços de fala” nas escolas, nos quais as dores psíquicas, os lutos da infância (do corpo

infantil, dos pais, da onipotência infantil – possam ser tematizados e elaborados. Relevamos também, as intervenções com as famílias, já que, em muitos casos, as adolescentes constituem os “sintomas” do que não vai bem na estrutura familiar.

Observamos a importância de se considerar os fenômenos que envolvem a constituição dos contornos do corpo e sua representação, privilegiando a corporeidade na construção subjetiva singular e coletiva, na qual a experiência de “tornar-se outro” é tematizada como operador teórico-clínico da passagem adolescente (Rassial, 1996). No campo do risco, vias de escape frente às ameaças de aniquilamento e desorganização pelas vivências traumáticas postas em cena pelos enigmas do adolecer.

A supervalorização corporal contemporânea e a escassez de possibilidades de mediação simbólica em função do esmaecimento das instituições familiares e sociais que não mais norteiam o sujeito, não mais constituindo referências subjetivas, despertam atenção para as repercussões no corpo e suas vicissitudes adolescentes.

A importância de abordagens que levem em conta a subjetividade, sem a consideração da implicação do sujeito e dos sentidos culturais da experiência do adoecimento, inclusive das representações leigas que a demarcam (Ramos, 2002, 2004, 2006, 2008; Spink, 2003, 2004; Teixeira & Bucher-Maluschke, 2008).

Na sociedade atual, o discurso social não se articula mais pela disciplina e pela autoridade, mas pelo “poder da sedução”. Isso significa que a ordem social incide nos corpos, seduzindo-os a serem sempre belos, ativos, saudáveis, jovens e sensuais. Devem se prender a único tempo, o do presente, silenciando as instâncias do passado e do futuro. Nesse sentido, o que importa é o prazer e as sensações sentidas no aqui-e-agora, perdendo valor tudo o que diz respeito à tradição, à história e aos costumes. Assim, o discurso dos media sobre a perfeição dos corpos é o que se posiciona como referencial da constituição subjetiva.

Na atualidade, enquanto o sujeito é convocado através da experiência corporal a movimentar-se em busca da perfeição e completude. Percebemos que esta ação não ocorre pelo reconhecimento da impossibilidade da satisfação irrestrita, mas pela crença em discursos hegemônicos sobre a possibilidade de conquistar um dia a perfeição corporal e a felicidade plena. O sujeito se põe em constante batalha consigo mesmo não apenas para amenizar o seu desamparo, mas para ilusoriamente bani-lo de sua existência, permitindo com que ele tome posse de um corpo sem limites e plenamente satisfeito. Na impossibilidade

de conquistar este ideal de felicidade tão bem anunciado e vendido na sociedade atual, o sujeito contemporâneo acaba por ser acometido por uma profunda e intensa frustração.

Concluimos que as representações de corpo figuradas nos *media* podem ser consideradas como paradigmáticas dos conflitos e subjectividades contemporâneas, especialmente quanto ao adolecer e à constituição da corporeidade, já que neles prevalecem os arquétipos hegemônicos da saúde e da beleza associadas à aparência, ao desempenho físico e aos modelos culturais.

REFERÊNCIAS

- Almeida, G.A.N., Santos, J.E., P, S.R., & Loureiro, S.R. (2005). Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: Estudo exploratório. *Psicologia em Estudo. Maringá*, 10(1), 27-35.
- Baudrillard, J. (1995). *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos.
- Cadoret, M. (2003). *Le paradigme adolescent*. Paris: Dunot.
- Calvino, Í. (1990) *Seis Propostas Para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Coutinho, M. da P.L., & Ramos, M. N.(2008). Distúrbios psicoafetivos na infância e adolescência: Um estudo transcultural. *Psico*, 39(1) 14-20.
- Dias Cordeiro, J.C. (1979). *O adolescente e a família*. Lisboa:Relógio D'Água.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome. Pensar o sofrimento*. Porto, PT: Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer. Psicologia da Adolescência*. Porto, PT: Afrontamento.
- Jeammet, P., & Corcos, M. (2005). *Novas problemáticas da adolescência: Evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jerusalinsky, A. (1999). Traumas de adolescência. In APPOA. *Adolescência entre passado e futuro* (pp. 10-28). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Le Breton, D. (2003). *L'adolescence à risque*. Paris: Hachette Pluriel.
- Le Breton, D. (2007). *En souffrance, adolescence et entrée dans la vie*. Paris: Métailié.
- Lesourd, S.A. (2004). *A construção adolescente do laço social*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Outeiral, J.O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ramos, N. (2002). Educação, saúde e culturas – Novas perspectivas de investigação e intervenção na infância. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 36(1,2,3), 463-487.
- Ramos, N. (2004). *Psicologia Clínica e da Saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ramos, N. (2006). Relações e solidariedades intergeracionais na família – Dos avós aos netos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39(1), 195-216.
- Ramos, N. (2008). *Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas*. João Pessoa, PB: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba.
- Rosa, M.D. (2002). Adolescência: Da cena familiar à cena social. *Psicologia USP*, 13(2), 227-242.
- Santaella, L. (1999) *Imagem, Cognição e Mídia*. São Paulo, Iluminuras.
- Sarlo, B. (1997). *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- Severiano, M.F.V. (2001). *Narcisismo e Publicidade: Uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume.
- Spink, M.J. (2003). *Psicologia social e saúde*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Spink, M.J. (2004). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EdIPUCRS.
- Teixeira, L.C. (2001). Sobre quimeras contemporâneas, ciência e psicanálise. *Revista Mal-estar e subjetividade*, 1(1), 151-171.
- Teixeira, L.C. (2003). Dor e inscrição social do corpo: Implicações clínicas. In I.I. Costa, A.F. Holanda, F.M.M.C. Martins, & M.I. Tafuri (Eds.), *Ética, linguagem e sofrimento*. VI Conferência Internacional sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia. Brasília: Gráfica e Editora Positiva.
- Teixeira, L.C., & Bücher-Maluschke, J.S.F. (2008). *O sofrimento e seus destinos: Psicologia, psicanálise e práticas de saúde*. Brasília, DF: Universa.
- Weinberg, C. (2001). *Geração delivery: Adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá.